

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Feliciano dos Santos Dias

A INVESTIGAÇÃO DO SER NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
METAFÍSICO DE ARISTÓTELES

Teresina

2014

FELICIANO DOS SANTOS DIAS

A INVESTIGAÇÃO DO SER NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
METAFÍSICO DE ARISTÓTELES

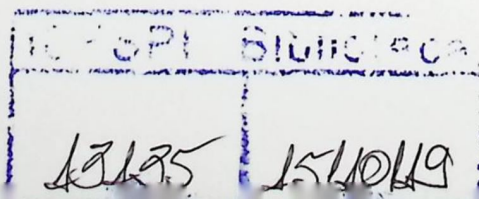
**A INVESTIGAÇÃO DO SER NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
METAFÍSICO DE ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de Filosofia do ICESPI –
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciatura Plena em filosofia, sob a
orientação do professor Jonilson Torres de
Rasende.

4-38

log. 5856
100
0544i
Ex. 01

TERESINA - PI
2014



FELICIANO DOS SANTOS DIAS

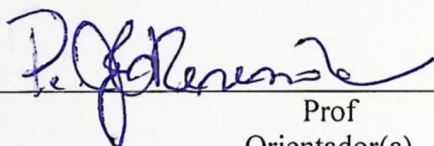
**A INVESTIGAÇÃO DO SER NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
METAFÍSICO DE ARISTÓTELES**

**ICESPI - INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

Curso de Licenciatura Plena em Filosofia

Data de Aprovação ____ de ____ de 20 ____

BANCA EXAMINADORA



Prof
Orientador(a)



1º Leitor(a)

2º Leitor(a)

Agradeco a Deus, que me deu a vida e a
força para lutar. Aos meus pais, pela
educação e pelo exemplo. Aos meus
professores, pelo conhecimento transmitido.
Aos meus amigos, pelo incentivo e apoio.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo
e pelo apoio constantes.

Agradeço a Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades. Aos professores que tanto contribuíram para o enriquecimento do meu conhecimento.

“Todos os homens têm naturalmente o desejo de saber.”
Aristóteles

RESUMO

DIAS, Feliciano dos Santos. *A investigação do ser na construção do conhecimento metafísico de Aristóteles*. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, 39 f. Curso de Licenciatura Plena em Filosofia, ECESPI, 2014.

Neste trabalho discorremos a respeito do pensamento de Aristóteles sobre o “ser enquanto ser”. Para tal pretensão nos serviremos de alguns comentários sobre uma das suas principais obras que é a *Metafísica*, onde ele começa com a frase: “Todos os homens têm naturalmente o desejo de saber” (*Metafísica A*, 980). É a raiz na qual nasce e na qual se funda a filosofia, particularmente a metafísica. Esta é, portanto, a ciência que visa à satisfação dessa exigência humana de puro conhecimento. De fato, a curiosidade é uma inclinação irresistível, todos, sábios e ignorantes, querem conhecer a verdade e evitar o erro. À metafísica cabem três estudos: O estudo do ser divino, o estudo dos primeiros princípios, o das propriedades ou atributos gerais de todos os seres. De fato a metafísica pretende chegar às “causas primeiras do ser enquanto ser”, ou seja, o por quê que explica a realidade em sua totalidade, já que as ciências particulares se detêm nas causas particulares, nas partes específicas da realidade”. Nos assuntos abordados neste trabalho não tivemos a pretensão de esgotar o tema, mas de tentar resgatar o pensamento de Aristóteles a respeito da origem de todas as coisas. E a guisa de considerações finais chegamos a conclusão que a metafísica é a ciência que estuda a substância em geral, não se preocupando com esta ou aquela realidade particular.

Palavras-chave: Aristóteles; investigação; metafísica; conhecimento; essência.

ABSTRACT

DIAS, Feliciano dos Santos. Research of being in the construction of metaphysical knowledge of Aristotle. Work Course Conclusion - TCC, 39 f. Full Degree in Philosophy, ECESPI, 2014.

In this paper we discuss about the thought of Aristotle about "being as such." For such a claim to serve some comments on one of his major works is that the *Metaphysics*, where he begins with the phrase: "All men naturally have the desire to know" (*Metaphysics*, 980). It is the root on which is born and which is based philosophy, particularly metaphysics. This is therefore the science that aims to satisfy this human need of pure knowledge. Indeed, curiosity is an irresistible inclination, all, wise and ignorant, they want to know the truth and avoid the error. In the metaphysical fit three studies: The study of the divine being, the study of first principles, the general of the properties or attributes of all beings. In fact metaphysics want to get to the "root causes of being as such," that is, why that explains the reality in its entirety, since the particular sciences stop at particular causes, in specific parts of reality. "In matters covered in this work had not intend to exhaust the subject, but to try to rescue the thought of Aristotle regarding the origin of all things. And the way of final considerations came to the conclusion that metaphysics is the science that studies the substance in general, not worrying about this or that particular reality.

Keywords: Aristotle; research; metaphysics; knowledge; essence.

SUMÁRIO

INTRUDUÇÃO	9
1. A utilidade e o valor do conhecimento	10
2. Para que filosofia	11
3. Definição do termo filosofia	13
4. Aristóteles – vida e obras	15
5. As indagações metafísicas	15
6. O nascimento da metafísica	17
7. Definição do termo metafísica	20
8. A metafísica aristotélica	20
9. Os principais conceitos da metafísica aristotélica	22
10. O que a metafísica investiga	25
11. Para que “serve” a metafísica	25
12. A metafísica na construção do conhecimento	26
13. A diferença entre Aristóteles e seus predecessores	27
14. A problemática relativa à substância	29
15. A substância supra-sensível	31
16. Problemas relativos à substância supra-sensível	32
17. As “provas da existência de Deus	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
BIBLIOGRAFIA	39

INTRODUÇÃO

Aristóteles, filósofo grego nascido no século IV a.C., seu principal mestre foi Platão, a quem deve grande parte das suas reflexões filosóficas, embora tenha feito críticas a respeito da doutrina do mesmo (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, p. 243). O pensamento de Aristóteles o torna sempre atual, pela profundidade das suas reflexões sobre a realidade, procurando responder aos problemas que angustiam o coração do homem, como por exemplo: o indagar sobre a origem de todas as coisas. Ele escreveu sobre muitos assuntos e, em quase todos os campos, deixou a marca do seu pensamento.

Uma das suas principais obras é a *Metafísica*, que está dividida em quatorze livros, onde ele vai tratar de assuntos relacionados à essência de todas as coisas. Aristóteles começa a sua metafísica com a frase: “Todos os homens têm naturalmente o desejo de saber” (*Metafísica A*, 980). De fato, a curiosidade é uma inclinação irresistível, todos, sábios e ignorantes, querem conhecer a verdade e evitar o erro.

Segundo Aristóteles, a raiz da qual nasce e se funda a filosofia, particularmente a metafísica ou “Filosofia Primeira” é a admiração diante das coisas e o puro amor ao saber (*Metafísica A*, 928 b). A metafísica é a ciência que transcende a realidade material em busca da verdade universal, visando à satisfação dessa exigência humana de puro conhecimento. É a ciência das primeiras causas e dos primeiros princípios, que estuda não só o porquê, mas o para que das essências.

Neste trabalho vamos tratar de alguns pontos da metafísica aristotélica. Inicialmente falaremos da utilidade e do valor do conhecimento, para que a filosofia e da sua definição, das indagações e do nascimento da metafísica, da vida de Aristóteles e indicaremos suas obras principais. Mais adiante teceremos breves colocações no que diz respeito à história e definição do texto da metafísica, bem como os seus principais conceitos; seguiremos, ainda com a explicação, porque Aristóteles escreve sobre metafísica e para que “serve” a mesma; depois mostraremos a distinção que existe entre Platão, Parmênides, Aristóteles e a influência deste último sobre Tomás de Aquino, no que se refere as “provas” da existência de Deus. E, por fim, na conclusão, faremos algumas considerações a respeito do tema pesquisado.

1. A utilidade e o valor do conhecimento¹

A mente humana é naturalmente inquiridora, ou seja, quer conhecer as razões das coisas. Basta ver uma criança fazendo pergunta aos pais. Mas às mesmas perguntas podem ser dadas diversas respostas: respostas míticas, científicas, filosóficas. As respostas míticas são explicações que podem contemplar a fantasia, embora não sejam verdadeiras. Já as respostas científicas procuram satisfazer à razão, mas são sempre explicações incompletas, parciais e fragmentárias. As respostas filosóficas propõem-se a oferecer uma explicação completa de todas as coisas, do conjunto, do todo.

A humanidade primitiva contentava-se com explicações míticas para qualquer problema. À nós modernos, as respostas míticas parecem simplistas e errôneas. Historicamente, contudo, elas têm uma importância muito grande porque representa o primeiro esforço da humanidade para explicar as coisas e as suas causas.

A filosofia surge da admiração e esta brota da curiosidade humana. O homem tem fundamentalmente um amor pela verdade. Por isso deseja saber o porquê das coisas e investiga suas causas. Aristóteles já dizia e toda pessoa tem a convicção que o homem tem o desejo de conhecer. Mesmo independentemente de sua utilidade, o conhecimento se busca com avidez. O conhecimento buscado agrada por si, mesmo que seja só para matar a curiosidade. A metafísica tem sua dignidade excelsa no fato de ser desejada por si mesma. É conhecer por conhecer, ou conhecer por amor do conhecer.

Conhecer é viver. Consta que um dia Descartes, absorto em seus pensamentos filosóficos, foi interrompido por um colega que o repreendia por não estar fazendo nada. Estava sentado à escrivaninha, cabeça entre as mãos, silencioso e abismado. O filósofo porém retrucou, com veemência: “Eu fazendo nada? Estou pensando!” De fato, pensar constitui uma das atividades mais nobres do homem. Aristóteles, que a exerceu de modo conspícuo, sobressaindo dentre os mortais nesse tempo, julgou encontrar ali a felicidade. Ser feliz é pensar, é conhecer.

O conhecimento abre sua importância para diversos setores. Primeiro, vale por si mesmo. É bom conhecer. Dentre todas as atividades humanas o conhecimento excele. Segundo, pela utilidade do conhecimento: possuir a verdade é integrar-se no complexo de todo ser. A verdade nos tira do isolamento. Terceiro, descobrir uma resposta para os problemas que angustiam o coração humano.

¹ GRINGS, Dadeus. *Conhecer a verdade*, p. 14 e 15

Vale pios a pena empenhar-se pelo conhecimento. A crise atual do relativismo e da desconfiança frente à inteligência pode ser superada. Quando conhecemos a verdade objetiva, teremos um ponto de integração para tanta variedade de informações. Vivemos harmonicamente.

2. Para que filosofia²

Nas evidências do cotidiano, afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas como “que horas são?”, ou “que dia é hoje?”. Dizemos frases como “ele está sonhando”, ou “ela ficou maluca”. Fazemos afirmações como “onde há fumaça, há fogo”, ou “não saia na chuva para não se resfriar”. Avaliamos coisas e pessoas, dizendo, por exemplo, “esta casa é mais bonita do que a outra” e “Maria está mais jovem do que Glorinha”.

Numa disputa, quando os ânimos estão exaltados, um dos contendores pode gritar ao outro: “Mentiroso! Eu estava lá e não foi isso o que aconteceu”, e alguém, querendo acalmar a briga, pode dizer: “Vamos ser objetivos, cada um diga o que viu e vamos nos entender”. Também é comum ouvirmos os pais e amigos dizerem que somos muito subjetivos quando o assunto é o namorado ou a namorada. Frequentemente, quando aprovamos uma pessoa, o que ela diz, como ela age, dizemos que essa pessoa “é legal”.

Vejamos um pouco mais de perto o que dizemos em nosso cotidiano. Quando pergunto “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata. Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças não questionadas por nós.

Quando distinguimos entre verdade e mentira e distinguimos mentiras inaceitáveis de mentiras aceitáveis, não estamos apenas nos referindo ao conhecimento ou desconhecimento da realidade, mas também ao caráter da pessoa, à sua moral. Acreditamos, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é livre para o bem ou para o mal.

² CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*, p. 5 e 6

Ora, muitos fazem uma outra pergunta: afinal, para que Filosofia? É uma pergunta interessante. Não vemos nem ouvimos ninguém perguntar, por exemplo, para que matemática ou física? Para que geografia ou geologia? Para que história ou sociologia? Para que biologia ou psicologia? Para que astronomia ou química? Para que pintura, literatura, música ou dança? Mas todo mundo acha muito natural perguntar: Para que Filosofia?

Em geral, essa pergunta costuma receber uma resposta irônica, conhecida dos estudantes de Filosofia: “A Filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual”. Ou seja, no pensar de muitos estudantes, a Filosofia não serve para nada. Por isso, se costuma chamar de “filósofo” alguém sempre distraído, com a cabeça no mundo da lua, pensando e dizendo coisas que ninguém entende e que são perfeitamente inúteis.

Essa pergunta, “Para que Filosofia?”, tem a sua razão de ser. Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata. Por isso, ninguém pergunta para que as ciências, pois todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nos produtos da técnica, isto é, na aplicação científica à realidade. Todo mundo também imagina ver a utilidade das artes, tanto por causa da compra e venda das obras de arte, quanto porque nossa cultura vê os artistas como gênios que merecem ser valorizados para o elogio da humanidade.

Ninguém, todavia, consegue ver para que serviria a Filosofia, donde dizer-se: não serve para coisa alguma. Parece, porém, que o senso comum não enxerga algo que os cientistas sabem muito bem. As ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros, obtidos graças a procedimentos rigorosos de pensamento; pretendem agir sobre a realidade, através de instrumentos e objetos técnicos; pretendem fazer progressos nos conhecimentos, corrigindo-os e aumentando-os. Ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas acreditam na existência da verdade, de procedimentos corretos para bem usar o pensamento, na tecnologia como aplicação prática de teorias, na racionalidade dos conhecimentos, porque podem ser corrigidos e aperfeiçoados.

Verdade, pensamento, procedimentos especiais para conhecer fatos, relação entre teoria e prática, correção e acúmulo de saberes: tudo isso não é ciência, são questões filosóficas. O cientista parte delas como questões já respondidas, mas é a Filosofia quem as formula e busca respostas para elas.

Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da Filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo. No entanto, como apenas os cientistas e filósofos sabem disso, o senso comum continua afirmando que a Filosofia não serve para nada.

3. Definição do termo filosofia³

A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber.

Assim, filosofia indica um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, o estima, o procura e o respeita. Narra-se que o termo foi inventado por Pitágoras, que certa vez, ouvindo alguém chama-lo de sábio e considerando este nome muito elevado para si mesmo, pediu que o chamassem simplesmente filósofo, isto é, amigo da sabedoria.

A Filosofia é um conhecimento, uma forma de saber que, como tal, tem uma esfera própria de competência, a respeito da qual procura adquirir informações válidas, precisas e ordenadas. Mas enquanto é fácil dizer qual é a esfera de competência das várias ciências experimentais, o mesmo não se dá com a filosofia. Sabemos, por exemplo, que a botânica estuda as plantas, a geografia, os lugares, a história, os fatos, a medicina, as doenças etc. Quanto à filosofia, que coisa estuda ela? No dizer dos filósofos, ela estuda todas as coisas. Aristóteles, que foi o primeiro a fazer uma pesquisa rigorosa e sistemática em torno desta disciplina (Aristóteles, *Metafísica*, livro I), diz que a filosofia estuda “as cousas últimas de todas as coisas”; Cícero define a filosofia como “o estudo das cousas humanas e divinas das coisas”; Descartes afirma que a filosofia “ensina a raciocinar bem”; Hegel entende-a como “o saber absoluto”; para Whitehead, o papel da filosofia é o de “fornecer uma explicação orgânica do universo”. Poderíamos citar muitos outros filósofos que definem a filosofia ora como estudo do valor do conhecimento, ora como a indagação do fim último do homem, ora como o estudo da linguagem, do ser, da história, da arte, da cultura, da política etc. Realmente, coerente com estas definições, os filósofos estudaram todas as coisas. Devemos concluir que a filosofia estuda tudo? Sim, e por duas razões.

³ MONDIM, Battista. *Curso de Filosofia*, p. 7 e 8

Em primeiro lugar, porque todas as coisas podem ser examinadas no nível científico e também no filosófico. Assim, os homens, os animais, as plantas, a matéria, estudados por muitas ciências e sob diversos pontos de vistas, podem ser objeto também de indagação filosófica. De fato, os cientistas se perguntam de que é feita a matéria, que coisa é a vida, como são formados os animais e o homem, mas não consideram outros problemas que dizem respeito também ao homem, aos animais, às plantas, à matéria, como, por exemplo, o que é a existência. Especialmente, a respeito do homem, que as ciências estudam sob vários aspectos, muitos são os problemas que nenhuma delas estudam (supondo-os já resolvidos), como o valor da vida e do conhecimento humanos, o da natureza do mal, o da origem e do valor da lei moral. Destes problemas ocupam-se somente a filosofia.

Em segundo lugar, porque, enquanto que as ciências estudam esta ou aquela dimensão da realidade, a filosofia estuda o todo, a totalidade, o universo tomado globalmente.

Eis, portanto, a primeira característica que distingue a filosofia de qualquer outra forma de saber: ela estuda toda a realidade ou, pelo menos, procura oferecer uma explicação completa e exaustiva de uma esfera particular da realidade.

Há, porém, duas outras qualidades que contribui para dar um caráter própria e específico ao saber filosófico: trata-se do método e do objetivo.

O método não é o da simples verificação, nem o da descrição mais ou menos fantasiosa, nem o da experimentação. O primeiro é próprio do conhecimento comum; o segundo, da poesia e da mitologia; o terceiro, da ciência. A filosofia tem um método diferente, o da justificação lógica, racional. Das coisas que estuda, a filosofia deseja oferecer uma explicação conclusiva e, para consegui-la, se serve somente da razão, isto é, daquilo que os gregos chamaram *logos*.

Quanto ao objetivo, a filosofia não busca os fins práticos e não tem interesses externos como a ciência, a arte, a religião e a técnica, as quais, de um modo ou de outro, sempre tem em vista alguma satisfação ou alguma vantagem. A filosofia tem como único objetivo conhecimento; ela procura a verdade pela verdade, prescindindo de eventuais utilizações práticas. A filosofia tem uma finalidade puramente teórica, ou seja, contemplativa; ela não procura a verdade por algum motivo que não seja a própria verdade. Por isso, como diz egregiamente Aristóteles na *Metafísica* (A, 2, 982b), ela é “livre” enquanto não se destina a nenhum uso de ordem prática, realizando-se na pura contemplação da verdade.

4. Aristóteles

4.1. Vida

Aristóteles nasceu em Estágira, na Grécia, em 384 a.C. na fronteira Macedônia. O pai de Aristóteles, chamado Nicômaco, era um corajoso médico da corte do Rei Amintas II, pai de Filipe da Macedônia. Ainda na adolescência, dirige-se para Atenas, pois era para esta cidade que a maioria dos jovens procuravam ir para adquirir uma boa formação. Neste período duas escolas chamavam à atenção dos jovens, a de Isócrates e a de Platão. O estagirita escolhe o estabelecimento platônico, onde permaneceu por vinte anos até a morte do seu mestre em 347 a.C.

Enquanto freqüentava a academia, e ainda depois, aceitava a filosofia de Platão, ou seja, a teoria das idéias. Mas aos poucos foi se afastando de Platão fazendo crítica a doutrina das idéias, e construindo o seu próprio sistema⁴. Morreu em 322 a.C., mas os seus escritos o mantêm vivo até os dias de hoje.

4.2. Obras

Aristóteles tornou-se célebre especialmente por suas obras filosóficas. As mais importantes são: a *Metafísica* (14 livros); a *Física* (8 livros); a *Ética a Nicômaco* (10 livros); a *Política* (8 livros); o *Da Alma* (3 livros); o *Da Geração e da Corrupção* (2 livros); a *Poética* (livro, incompleto)⁵. Os seus escritos lógicos foram reunidos em uma obra chamada *Órganon* (instrumento).

5. As indagações metafísicas

Por que há seres em vez do nada? Por que uma coisa pode mudar e, no entanto, conservar sua identidade individual, de tal maneira que podemos dizer que é a mesma coisa, ainda que a vejamos diferente do que fora antes? Como sabemos que uma determinada roseira é a mesma que, no ano passado, não passava de um ramo com poucas folhas e sem flor? Como sabemos que Paulo, hoje adulto, é o mesmo Paulo que conhecemos criança?

Por que sinto que sei que sou diferente das coisas? Porém, por que também sinto que sei que um outro corpo, diferente e semelhante do meu, não é uma coisa, mas um alguém?

⁴ *Metafísica*, 962b

⁵ MONDIM, Batista. *Curso de Filosofia*, p. 82

Por que eu e o outro podemos ver de modo diferente, sentir e gostar de modo diferente, discordar sobre tantas coisas, fazer coisas diferentes e, no entanto, ambos admitimos, sem sombra de dúvida, que um triângulo, o número 5, o círculo, os arcos do palácio da Alvorada, ou as pirâmides do Egito são exatamente as mesmas coisas para ele e para mim? O que é uma coisa? E um objeto? O que é a subjetividade? O que é o corpo humano? E uma consciência?

Perguntas como essas constituem o campo da metafísica, ainda que nem sempre as mesmas palavras tenham sido usadas para formulá-las. Por exemplo, um filósofo grego não falaria em “nada”, mas em “não-ser”. Não falaria em “objeto”, mas em “ente”, pois a palavra objeto só foi usada a partir da Idade Média e, no sentido em que a empregamos hoje, só foi usada a partir do século XVII. Também, não falaria em “consciência”, mas em “*psyche*”, isto é, alma. Jamais falaria em “subjetividade”, pois essa palavra, com o sentido que lhe damos hoje, só foi usada a partir do século XVIII.

A mudança do vocabulário da Filosofia no curso desses 25 séculos indica que mudaram os modos de formular as questões e respondê-las, pois a Filosofia está na História e possui uma história. No entanto, sob essas mudanças profundas, permaneceu a questão metafísica fundamental: O que é? A pergunta pelo que é. A metafísica é a investigação filosófica que gira em torno da pergunta: “O que é?”. E este “é” possui dois sentidos:

1. significa “existe”, de modo que a pergunta se refere à existência da realidade e pode ser transcrita como: “O que existe?”;
2. significa “natureza própria de alguma coisa”, de modo que a pergunta se refere à essência da realidade, podendo ser transcrita como: “Qual é a essência daquilo que existe?”. Existência e essência da realidade em seus múltiplos aspectos são, assim, os temas principais da metafísica, que investiga os fundamentos, as causas e o ser íntimo de todas as coisas, indagando por que existem e por que são o que são.

A história da metafísica pode ser dividida em três grandes períodos, o primeiro deles separado dos outros dois pela filosofia de David Hume:

1. período que vai de Platão e Aristóteles (séculos IV e III a.C.) até David Hume (século XVIII d.C.);
2. período que vai de Kant (século XVIII) até a fenomenologia de Husserl (século XX);
3. metafísica ou ontologia contemporânea, dos anos 20 aos anos 70 do século passado (XX).

No primeiro período, a metafísica possui as seguintes características: investiga aquilo que é ou existe, a realidade em si; é um conhecimento racional apriorístico, isto é, não se baseia nos dados conhecidos diretamente pela experiência sensível ou sensorial (nos dados empíricos), mas nos puros conceitos formulados pelo pensamento puro ou pelo intelecto; é um conhecimento sistemático, isto é, cada conceito depende de outros e se relaciona com outros, formando um sistema coerente de idéias ligadas entre si; exige a distinção entre ser e parecer ou entre realidade e aparência, seja porque para alguns filósofos a aparência é irreal e falsa, seja porque para certos filósofos a aparência só pode ser compreendida e explicada pelo conhecimento da realidade que subjaz a ela.

6. O nascimento da metafísica

Depois do estudo sobre a figura do sujeito do conhecimento, passaremos, agora, ao objeto do conhecimento. A partir do século XVII, com o que chamamos de racionalismo clássico, cujo ponto de partida era a indagação: Pode nosso pensamento alcançar a realidade? Uma preocupação voltada para o sujeito do conhecimento é algo novo. Até o século XVII, porém, não era essa a indagação filosófica principal. Desde os gregos, partia-se da afirmação da existência da realidade e de que ela poderia ser conhecida verdadeiramente pela razão ou pelo pensamento. A pergunta filosófica era: O que é a realidade? Por isso, costuma-se dizer que a Filosofia nasceu como um realismo e desse realismo surgiu a metafísica.

A Filosofia nasce da admiração e do espanto, dizem Platão e Aristóteles. Admiração: Por que o mundo existe? Espanto: Por que o mundo é tal como é? Desde seu nascimento, a Filosofia perguntou: O que existe? Por que existe? O que é isso que existe? Como é isso que existe? Por que e como surge, muda e desaparece? Por que a Natureza ou o mundo se mantêm ordenados e constantes, apesar da mudança contínua de todas as coisas?

Essas perguntas – ou esse espanto ou admiração diante do mundo – levaram os primeiros filósofos a buscar uma explicação racional para a origem de um mundo ordenado, o cosmos. Por esse motivo, a Filosofia nasce como cosmologia. A busca do princípio que causa e ordena tudo quanto existe na Natureza (minerais, vegetais, animais, humanos, astros, qualidades como úmido, seco, quente, frio) e tudo quanto nela acontece (dia e noite, estações do ano, nascimento, transformação e morte, crescimento e diminuição, saúde e doença, bem e mal, belo e feio, etc.) foi a busca de uma força natural perene e imortal, subjacente às

mudanças, denominada pelos primeiros filósofos com o nome de *physis*. A cosmologia era uma explicação racional sobre a *physis* do Universo e, portanto, uma física.

Como, então, surgiu a metafísica? Como surgiu um saber que suplantou a cosmologia ou física dos primeiros filósofos? Como e por que a metafísica acabou se tornando o centro e a disciplina mais importante da Filosofia?

Aristóteles ao morrer deixou a sua biblioteca para o seu discípulo Teofrasto. Este, por sua vez deixou a sua biblioteca e a de Aristóteles para Neleu, discípulo de ambos. Neleu a leva para a sua pátria, Trôade. Depois, os seus herdeiros, esconderam-na em um subterrâneo, temendo que ele caísse nas mãos dos poderosos soberanos de Pérgamo e Alexandria, que queriam enriquecer suas coleções. Os escritos ficaram escondidos até o ano 100 a. C., quando foi descoberto pelo bibliógrafo Apelicon, que os adquiriu e levou para Atenas. Quando Silas conquistou a cidade, mandou levar os preciosos escritos para Roma, onde foram confiados a Andrônico de Rodes para que preparasse uma edição completa⁶.

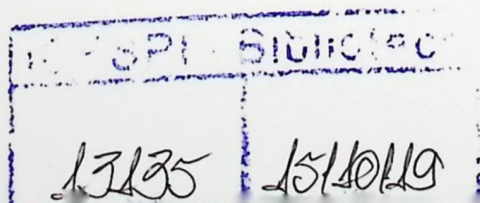
É importante ressaltar que a palavra metafísica (que está além da física) foi usada pela primeira vez por Andrônico de Rodes, que ao organizar as obras de Aristóteles sobre a física, viu-se diante de um grupo de livros sem nome, chamando-os “os livros que estão depois da física” ou *metà tà phisyká*. Tal expressão significa literalmente: os livros que estão catalogados após os escritos da física⁷.

Ora, tais escritos haviam recebido uma designação por parte do próprio Aristóteles, quando este definira o assunto de que tratavam: são os escritos da Filosofia Primeira, cujo tema é o estudo do “ser enquanto ser”. Desse modo, o que Aristóteles chamou de Filosofia Primeira passou a ser designado como metafísica.

No século XVII, o filósofo alemão Jacobus Thomasius considerou que a palavra correta para designar os estudos da metafísica ou Filosofia Primeira seria a palavra ontologia. A palavra ontologia é composta de duas outras: *onto* e *logia*. *Onto* deriva-se de dois substantivos gregos, *ta onta* (os bens e as coisas realmente possuídas por alguém) e *ta eonta* (as coisas realmente existentes). Essas duas palavras, por sua vez, derivam-se do verbo ser, que, em grego, se diz *einai*. O particípio presente desse verbo se diz *on* (sendo, ente) e *ontos* (sendo, entes). Dessa maneira, as palavras *onta* e *eonta* (as coisas) e *on* (ente) levaram a um substantivo: *to on*, que significa o Ser. O Ser é o que é realmente e se opõe ao que parece ser, à aparência. Assim, ontologia significa: estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente.

⁶ Id., *Ibíd.*, p. 84

⁷ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*, p. 209



Por que Thomasius julgou a palavra ontologia mais adequada do que a palavra metafísica? Para responder a essa pergunta devemos retornar ao que escreveu Aristóteles, quando propôs a Filosofia Primeira. Ao definir a Filosofia Primeira, Aristóteles afirmou que ela estuda o ser das coisas, a *ousia*. A palavra *ousia* é o feminino do participio presente do verbo ser, isto é, do verbo *einai*. Em português, *ousia* é traduzido por essência, porque é traduzida da palavra latina *essentia*.

Em latim o verbo ser se diz *esse* e a palavra *essentia* foi inventada pelos filósofos para traduzir *ousia*. Assim, a Filosofia Primeira é o estudo ou o conhecimento da essência das coisas ou do ser real e verdadeiro das coisas, daquilo que elas são em si mesmas, apesar das aparências que possam ter e das mudanças que possam sofrer.

Thomasius considerou que Aristóteles definira a Filosofia Primeira como o estudo do ser das coisas, como o que há de íntimo, *perene* e verdadeiro nos entes. Não estuda esta ou aquela coisa, este ou aquele ente, mas busca aquilo que faz de um ente ou de uma coisa, um ser. Busca a essência de um ente ou de uma coisa.

Por isso, por ser o estudo da *ousia* e porque a *ousia* oferece o ser real e verdadeiro de um ente, oferece o *on* íntimo e *perene*, a Filosofia Primeira deveria ser designada com a palavra ontologia. Nesse caso, a palavra metafísica seria apenas a indicação do lugar ocupado nas estantes pelos livros aristotélicos de Filosofia Primeira, localizados depois dos tratados sobre a física ou a Natureza.

A palavra ontologia diria qual é o assunto da Filosofia Primeira, enquanto a palavra metafísica diria apenas qual é o lugar dos livros da Filosofia Primeira no catálogo das obras de Aristóteles.

Por que, então, a tradição filosófica consagrou a palavra metafísica, em lugar de ontologia? Porque Aristóteles, ao definir a Filosofia Primeira, também afirmou que ela estuda os primeiros princípios e as causas primeiras de todos os seres ou de todas as essências, estudo que deve vir antes de todos os outros, porque é a condição de todos eles. Que quer dizer “vir antes”? Para Aristóteles, significa estar acima dos demais, estar além do que vem depois, ser superior ao que vem depois, ser a condição da existência e do conhecimento do que vem depois. Ora, a palavra *meta* quer dizer isso mesmo: o que está além de, o que está acima de, o que vem depois, mas no sentido de ser superior ou de ser a condição de alguma coisa. Se assim é, então a palavra metafísica não quer dizer apenas o lugar onde se encontram os escritos posteriores aos tratados de física, não indica um mero lugar num catálogo de obras, mas significa o estudo de alguma coisa que está acima e além das coisas físicas ou naturais e que é a condição da existência e do conhecimento delas.

Por isso, a tradição consagrou a palavra metafísica, mais do que a palavra ontologia. Metafísica, nesse caso, quer dizer: aquilo que é condição e fundamento de tudo o que existe e de tudo o que puder ser conhecido.

7. Definição do termo metafísica

Aristóteles escreveu sobre muitos assuntos e em quase todos os campos deixa a marca indelével de seu gênio. Um dos seus principais escritos é a *Metafísica*. Mas o termo “metafísica” não é aristotélico, como já vimos, Aristóteles usava a expressão “filosofia primeira” ou “teologia”, em oposição à “filosofia segunda” ou a “física”⁸. A palavra “metafísica” foi sentida como mais significativa pela posterioridade, tornando-se a preferida.

A obra metafísica de Aristóteles, abre-se com uma definição da natureza, dos deveres e das prioridades do saber filosófico ou metafísico. Aristóteles se interessa pela definição da filosofia, além de livro primeiro (A) também no livro sexto (E). Ele entende a “filosofia primeira” como a ciência que se ocupa das realidades que estão acima das coisas físicas⁹.

As definições da metafísica dadas por Aristóteles são quatro¹⁰: a) Ciência das causas e dos primeiros princípios; b) Ciência do ser enquanto ser; c) Teoria da substância; d) Ciência teológica. Deve-se notar que estas definições não estão apenas em harmonia com a tradição filosófica que precedera o estagirita, mas estão em perfeita harmonia entre se, uma leva estruturalmente à outra e cada uma a todas as outras, em perfeita unidade.

Com estas definições Aristóteles desenvolveu uma poderosa síntese entre as linhas mestras da especulação anterior, de Tales a Platão, que procuravam a origem de todas coisas.

8. A metafísica de aristotélica

Na *Metafísica*, Aristóteles afirma que a Filosofia Primeira estuda os primeiros princípios e as causas primeiras de todas as coisas e investiga “o Ser enquanto Ser”. Ao definir a ontologia ou metafísica como estudo do “Ser enquanto Ser”, Aristóteles está dizendo que a Filosofia Primeira estuda as essências sem diferenciar essências físicas,

⁸ *Metafísica*, E 1025 b e 1026a

⁹ REALE, Giovanni e ANTISERI, Dário. *História da Filosofia*. p. 179

¹⁰ REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. p. 179

matemáticas, astronômicas, humanas, técnicas, etc., pois cabe às diferentes ciências estudá-las enquanto diferentes entre si. À metafísica cabem três estudos:

1. O estudo do ser divino, a realidade primeira e suprema da qual todo o restante procura aproximar-se, imitando sua perfeição imutável. As coisas se transformam, diz Aristóteles, porque desejam encontrar sua essência total e perfeita, imutável como a essência divina. É pela mudança incessante que buscam imitar o que não muda nunca. Por isso, o ser divino é o Primeiro Motor Imóvel do mundo, isto é, aquilo que, sem agir diretamente sobre as coisas, ficando à distância delas, as atrai, é desejado por elas. Tal desejo as faz mudar para, um dia, não mais mudar (esse desejo, diz Aristóteles, explica por que há o devir e por que o devir é eterno, pois as coisas naturais nunca poderão alcançar o que desejam, isto é, a perfeição imutável).

Observamos, assim, que Aristóteles, como Platão, também afirma que a Natureza ou o mundo físico ou humano imitam a perfeição do imutável; porém, diferentemente de Platão, para Aristóteles essa imitação não é uma cópia deformada, uma imagem ou sombra do Ser verdadeiro, mas o modo de existir ou de ser das coisas naturais e humanas.

A mudança ou o devir são a maneira pela qual a Natureza, ao seu modo, se aperfeiçoa e busca imitar a perfeição do imutável divino. O ser divino chama-se Primeiro Motor porque é o princípio que move toda a realidade, e chama-se Primeiro Motor Imóvel porque não se move e não é movido por nenhum outro ente, pois, como já vimos, mover-se significa mudar, sofrer alterações qualitativas e quantitativas, nascer é perecer, e o ser divino, perfeito, não muda nunca;

2. O estudo dos primeiros princípios e causas primeiras de todos os seres ou essências existentes;

3. O das propriedades ou atributos gerais de todos os seres, sejam eles quais forem, graças aos quais podemos determinar a essência particular de um ser particular existente. A essência ou *ousia* é a realidade primeira e última de um ser, aquilo sem o qual um ser não poderá existir ou sem o qual deixará de ser o que é. À essência, entendida sob essa perspectiva universal, Aristóteles dá o nome de substância: o substrato ou o suporte permanente de qualidades ou atributos necessários de um ser. A metafísica estuda a substância em geral.

9. Os principais conceitos da metafísica aristotélica

No livro primeiro (A) a metafísica é apresentada, por Aristóteles, como a mais elevada das formas de conhecimento, porque consiste no conhecimento das causas e dos princípios. As causas fundamentais das quais se ocupa a metafísica são quatro¹¹: aquelas que explicam o que a essência é e também a origem e o motivo da existência de uma essência. Causa (para os gregos) significa não o porquê de alguma coisa, mas também o que é e como uma coisa é o que ela é. De maneira muito breve e simplificada, os principais conceitos da metafísica aristotélica (e que se tornarão as bases de toda a metafísica ocidental) podem ser assim resumidos:

primeiros princípios: são os três princípios que estudamos na lógica, isto é, identidade, não-contradição e terceiro excluído. Os princípios lógicos são ontológicos porque definem as condições sem as quais um ser não pode existir nem ser pensado; os primeiros princípios garantem, simultaneamente, a realidade e a racionalidade das coisas;

causas primeiras: são aquelas que explicam o que a essência é e também a origem e o motivo da existência de uma essência. São quatro as causas primeiras:

1. **causa material**, isto é, aquilo de que uma essência é feita, sua matéria (por exemplo, água, fogo, ar, terra);
2. **causa formal**, isto é, aquilo que explica a forma que uma essência possui (por exemplo, o rio ou o mar são formas da água; mesa é a forma assumida pela matéria madeira com a ação do carpinteiro; margarida é a forma que a matéria vegetal possui na essência de uma flor determinada, etc.);
3. **causa eficiente** ou motriz, isto é, aquilo que explica como uma matéria recebeu uma forma para constituir uma essência (por exemplo, o carpinteiro é a causa eficiente que faz a madeira receber a forma da mesa; o fogo é a causa eficiente que faz os corpos frios tornarem-se quentes, etc.);
4. **a causa final**, isto é, a causa que dá o motivo, a razão ou finalidade para alguma coisa existir e ser tal como ela é (por exemplo, o bem comum é a causa final da política, a felicidade é a causa final da ação ética; a flor é a causa final da semente transformar-se em árvore; o Primeiro Motor Imóvel é a causa final do movimento dos seres naturais, etc.).

Os princípios lógicos são ontológicos porque definem as condições sem as quais um ser não pode existir nem se pensado:

¹¹ *Metafísica*, A1-3

1. **matéria:** é o elemento de que as coisas da Natureza, os animais, os homens, os artefatos são feitos; sua principal característica é possuir virtualidades ou conter em si mesma possibilidades de transformação, isto é, de mudança;
2. **forma:** é o que individualiza e determina uma matéria, fazendo existir as coisas ou os seres particulares; sua principal característica é ser aquilo que uma essência é num determinado momento, pois a forma é o que atualiza as virtualidades contidas na matéria;
3. **potência:** é o que está contido numa matéria e pode vir a existir, se for atualizado por alguma causa; por exemplo, a criança é um adulto em potência ou um adulto em potencial; a semente é a árvore em potência ou em potencial;
4. **ato:** é a atualidade de uma matéria, isto é, sua forma num dado instante do tempo; o ato é a forma que atualizou uma potência contida na matéria. Por exemplo, a árvore é o ato da semente, o adulto é o ato da criança, a mesa é o ato da madeira, etc. Potência e matéria são idênticos, assim como forma e ato são idênticos. A matéria ou potência é uma realidade passiva que precisa do ato e da forma, isto é, da atividade que cria os seres determinados;
5. **essência:** é a unidade interna e indissolúvel entre uma matéria e uma forma, unidade que lhe dá um conjunto de propriedades ou atributos que a fazem ser necessariamente aquilo que ela é. Assim, por exemplo, um ser humano é por essência ou essencialmente um animal mortal racional dotado de vontade, gerado por outros semelhantes a ele e capaz de gerar outros semelhantes a ele, etc.;
6. **acidente:** é uma propriedade ou atributo que uma essência pode ter ou deixar de ter sem perder seu ser próprio. Por exemplo, um ser humano é racional ou mortal por essência, mas é baixo ou alto, gordo ou magro, negro ou branco, por acidente. A humanidade é a essência essencial (animal, mortal, racional, voluntário), enquanto o acidente é o que, existindo ou não existindo, nunca afeta o ser da essência (magro, gordo, alto, baixo, negro, branco). A essência é o universal; o acidente, o particular;
7. **substância ou sujeito:** é o substrato ou o suporte onde se realizam a matéria- potência, a forma-ato, onde estão os atributos essenciais e acidentais, sobre o qual agem as quatro causas (material, formal, eficiente e final) e que obedece aos três princípios lógico-ontológicos (identidade, não-contradição e terceiro excluído); em suma, é o Ser. Aristóteles usa o conceito de substância em dois sentidos: num primeiro sentido, substância é o sujeito individual (Sócrates, esta mesa, esta flor, Maria, Pedro, este cão, etc.); num segundo sentido, a substância é o gênero ou a espécie a que o sujeito individual pertence (homem, grego; animal, bípede; vegetal, erva; mineral, ferro; etc.).

No primeiro sentido, a substância é um ser individual existente; no segundo é o conjunto das características gerais que os sujeitos de um gênero e de uma espécie possuem. Aristóteles fala em substância primeira para referir-se aos seres ou sujeitos individuais realmente existentes, com sua essência e seus acidentes (por exemplo, Sócrates); e em substância segunda para referir-se aos sujeitos universais, isto é, gêneros e espécies que não existem em si e por si mesmos, mas só existem encarnados nos indivíduos, podendo, porém, ser conhecidos pelo pensamento. Assim, por exemplo, o gênero “animal” e as espécies “vertebrado”, “mamífero” e “humano” não existem em si mesmos, mas existem em Sócrates ou através de Sócrates.

O gênero é um universal formado por um conjunto de propriedades da matéria e da forma que caracterizam o que há de comum nos seres de uma mesma espécie. A espécie também é um universal formado por um conjunto de propriedades da matéria e da forma que caracterizam o que há de comum nos indivíduos semelhantes. Assim, o gênero é formado por um conjunto de espécies semelhantes e as espécies, por um conjunto de indivíduos semelhantes. Os indivíduos ou substâncias primeiras são seres realmente existentes; os gêneros e as espécies ou substâncias segundas são universalidades que o pensamento conhece através dos indivíduos;

8. predicados: são as oito categorias que vimos no estudo da lógica e que também são ontológicas, porque se referem à estrutura e ao modo de ser da substância ou da essência. Em outras palavras, os predicados atribuídos a uma substância ou essência são constitutivos de seu ser e de seu modo de ser, pois toda realidade pode ser conhecida porque possui qualidades (mortal, imortal, finito, infinito, bom, mau, etc.), quantidades (um, muitos, alguns, pouco, muito, grande, pequeno), relaciona-se com outros (igual, diferente, semelhante, maior, menor, superior, inferior), está em algum lugar (aqui, ali, perto, longe, no alto, embaixo, em frente, atrás, etc.), está no tempo (antes, depois, agora, ontem, hoje, amanhã, de dia, de noite, sempre, nunca), realiza ações ou faz alguma coisa (anda, pensa, dorme, corta, cai, prende, cresce, nasce, morre, germina, frutifica, floresce, etc.) e sofre ações de outros seres (é cortado, é preso, é morto, é quebrado, é arrancado, é puxado, é atraído, é levado, é curado, é envenenado, etc.).

As categorias ou predicados podem ser essenciais ou acidentais, isto é, podem ser necessários e indispensáveis à natureza própria de um ser, ou podem ser algo que um ser possui por acaso ou que lhe acontece por acaso, sem afetar sua natureza. Tomemos um exemplo. Se eu disser “Sócrates é homem”, necessariamente terei que lhe dar os seguintes predicados: mortal, racional, finito, animal, pensa, sente, anda, reproduz, fala, adoece, é

semelhante a outros atenienses, é menor do que uma montanha e maior do que um gato, ama, odeia. Acidentalmente, ele poderá ter outros predicados: é feio, é baixo, é diferente da maioria dos atenienses, é casado, conversou com Laques, esteve no banquete de Agáton, esculpiu três estátuas, foi forçado a envenenar-se pelo tribunal de Atenas.

Se nosso exemplo, porém, fosse uma substância genérica ou específica, todos os predicados teriam de ser essenciais, pois o acidente é o que acontece somente para o indivíduo existente e o gênero e a espécie são universais que só existem no pensamento e encarnados nas essências individuais. Com esse conjunto de conceitos forma-se o quadro da ontologia ou metafísica aristotélica como explicação geral, universal e necessária do Ser, isto é, da realidade. Esse quadro conceitual será herdado pelos filósofos posteriores, que problematizarão alguns de seus aspectos, estabelecerão novos conceitos, suprimirão alguns outros, desenvolvendo o que conhecemos como metafísica ocidental.

A metafísica aristotélica inaugura, portanto, o estudo da estrutura geral de todos os seres ou as condições universais e necessárias que fazem com que exista um ser e que possa ser conhecido pelo pensamento. Afirma que a realidade no seu todo é inteligível ou conhecível e apresenta-se como conhecimento teórico da realidade sob todos os seus aspectos gerais ou universais, devendo preceder as investigações que cada ciência realiza sobre um tipo determinado de ser.

10. O que a metafísica investiga

Para Aristóteles, a Metafísica investiga aquilo sem o que não há seres nem conhecimento dos seres: os três princípios lógico-ontológicos (identidade, não-contradição e terceiro excluído) e as quatro causas (material, formal, eficiente e final); aquilo que faz um ser ser necessariamente o que ele é: matéria, potência, forma e ato; aquilo que faz um ser ser necessariamente como ele é: essência e predicados ou categorias; aquilo que faz um ser existir como algo determinado: a substância individual (substância primeira) e a substância como gênero ou espécie (substância segunda). É isto estudar “o Ser enquanto Ser”.

11. Para que “serve” a metafísica

Depois de um breve estudo das causas e dos princípios primeiros, poderíamos agora perguntar para “serve” a metafísica? Diz Aristóteles, que a metafísica é a mais elevada de

todas as ciências justamente porque não “serve” a nada de particular¹². A metafísica não uma ciência prática, isto é, uma ciência dirigida à consecução de propósitos empíricos ou a realização de fins práticos. As ciências que têm tais objetivos submetem-se a eles, não valem em si e para si mesmas, mas somente a medida que efetivam os objetivos. Já a metafísica é a ciência que vale em si e para si mesma, é a ciência “livre” por Excelência¹³. Escreve Aristóteles: “todas as outras ciências podem ser mais necessária ao homem, mas superior a esta nenhuma”¹⁴.

Segundo Aristóteles, a metafísica nasce da admiração que o ser humano experimenta diante das coisas. Ela nasce do puro amor ao saber: da necessidade, enraizada na própria natureza do ser humano, de conhecer e saber. É por isso que Aristóteles abre a sua metafísica com a frase: “Todos os homens tem naturalmente o desejo de conhecer”. Esta é uma cifra verdadeiramente emblemática do pensamento grego em geral, principalmente do pensamento aristotélico. É a raiz na qual nasce e na qual se funda a filosofia, particularmente a metafísica¹⁵. A metafísica é, portanto, a ciência que visa à satisfação dessa exigência humana de puro conhecimento.

12. A metafísica na construção do conhecimento

Como sabemos uma das preocupações das quais se ocupava Aristóteles ao escrever a sua obra metafísica, era de dar uma explicação sobre a causa primeira de todas as coisas. A sua preocupação com a biologia o fez apoiar-se na observação dos seres vivos desde o tempo da academia. Esta observação dos mundos mineral, vegetal e animal possibilitou ao filósofo elaborar teorias físicas e a respeito da essência do ser, ou seja, a metafísica.

Aristóteles parte da observação comum: “a pedra cai” e pergunta “por que?”. E não como? Se fizesse esta última pergunta, procederia à descrição do fenômeno, processo este iniciado pelos modernos. Mas, perguntado “por que?”, enveredando pela procura das causas, desembocamos inevitavelmente na discussão metafísica da essência (substância) dos corpos e na perspectiva finalista. Por isso, a argumentação da metafísica está baseada nos primeiros princípios¹⁶. “De fato a metafísica pretende chegar às “causas primeiras do ser enquanto

¹² *Metafísica* A, 982 b, 20

¹³ Id., *Ibíd.*, A2, 981

¹⁴ Id., *Ibíd.*, A2, 983 a 10s

¹⁵ Id., *Ibíd.*, 982 b -983 a 23

¹⁶ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*, p. 130

ser”, ou seja, ao por quê que explica a realidade em sua totalidade, já que as ciências particulares se detêm nas causas particulares, nas partes específicas da realidade”¹⁷.

13. Diferença entre Aristóteles e seus predecessores

Segundo Marilena Chauí, Parmênides foi o primeiro filósofo a afirmar que o mundo percebido pelos os nossos sentidos, é um mundo ilusório, feito de aparências, sobre as quais formulamos nossas opiniões¹⁸.

“No dizer de Parmênides o ser é idêntico a si mesmo, imutável, eterno, imperecível, invisível aos nossos sentidos e visível apenas para o pensamento. Parmênides disse também, que a aparência sensível das coisas da natureza não possui realidade, não é”¹⁹. Contrapôs, assim, o ser ao não-ser²⁰.

Ora, a cosmologia ou a física, ocupava-se justamente com mundo que percebemos e no qual vivemos com as demais coisas naturais. A cosmologia buscava a explicação para o devir, isto é, para a mudança das coisas. Dedicava-se a multiplicidade dos seres, à mutabilidade e às oposições entre eles.

Parmênides torna a cosmologia impossível ao afirmar que o pensamento verdadeiro exige a unidade, identidade, eternidade e imutabilidade do ser²¹. O ser não pode mudar, pois si isso ocorresse deixaria de ser o Ser.

Platão afirma que Parmênides está certo ao exigir que a filosofia deve abandonar esse mundo sensível e ocupar-se com mundo verdadeiro. O verdadeiro é o ser, o uno, o imutável, o idêntico a si mesmo.

Com isso, Platão fez a divisão do mundo admitido a existência de dois mundos diferentes e separados: o mundo sensível, das coisas do Não-Ser; o mundo inteligível, das idéias, da permanência, das essências e do ser²².

Vejamos agora a diferença entre a ontologia de Platão e a de Parmênides: Para Parmênides o Não-Ser é o mundo das aparências, em sentido forte, isto é, não existe, não é, não tem realidade nenhuma é o nada; Para Platão, o Não-Ser, não é puro nada. Ele é alguma

¹⁷ REALE, Giovanni e ANTISERI, Dário. *História da Filosofia*. p. 181

¹⁸ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*, p. 211

¹⁹ Id., *Ibid.*, p. 211

²⁰ PARMÊNEDES, *Sula Natura*, Fr 8, p. 51

²¹ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*, p. 211

²² Id., *Ibid.*, p. 212.

coisa. Ele é o outro do ser, o que é diferente e inferior ao ser, a causas dos erros. Em lugar de ser um puro nada, o Não-Ser é um falso ser.

Aristóteles no livro primeiro da metafísica (A), faz uma crítica a Platão. Segundo Aristóteles, a teoria das idéias não explica o ser das coisas. De fato, as idéias para Platão constituem o ser ou a substância das coisas. Mas como é possível que as idéias sendo a substância, exista fora delas?²³. Para explicar o ser das coisas, as idéias devem existir nas coisas e não fora delas.

A doutrina das idéias também não explica o vir-a-ser das coisas. O mundo das idéias sendo em si mesmo, eterno, imutável e perfeito, não pode explicar o movimento e o devir que são próprios do mundo daqui debaixo.

Está evidente, portanto, que Platão não explica a relação entre idéias e coisas, a não ser usando metáforas, como “participação”, “imitação”²⁴.

No dizer dos filósofos a metafísica começa com Parmênides e Platão, mas atribui-se o seu nascimento a Aristóteles por três motivos: primeiro Aristóteles não julga as coisas do mundo sensível, aparente e ilusório, como fizera Platão e Parmênides, pelo contrário é um mundo real e verdadeiro cuja essência é a multiplicidade de seres e a mudança incessante; segundo, Aristóteles diz que a essência das coisas não está no mundo inteligível, separado do mundo sensível. As essências estão nas próprias coisas e é tarefa da filosofia conhecê-las ali mesmo onde estão, partindo da sensação até alcançar a intelecção; terceiro, Aristóteles ao se dedicar ao estudo da metafísica, descobre que há diferentes tipos de essências ou de *ousiai*²⁵.

Existe a essência dos seres físicos ou naturais, cuja característica é nascer, mudar e desaparecer, são seres em devir. Existe a essência dos seres matemáticos, que não existem em si mesmos, mas como formas das coisas, podendo, ser separada dela pelo pensamento e ter suas essências conhecidas, o não devir é a sua característica. Existe a essência dos seres humanos, que compartilham com as plantas e animais, o surgir, o mudar e o desaparecer, mas distingue-se de todos por ser essencialmente racionais, dotado de vontade e de linguagem. Existe a essência de um ser eterno, imutável, sempre idêntico a si mesmo, perfeito, superior a tudo o que existe, é o ser por excelência: o ser divino.

No livro primeiro da metafísica Aristóteles afirma que se há diferentes essências e se para cada uma delas há uma ciência deve haver uma ciência geral, cujo objeto não é esta ou

²³ *Metafísica*, 967 b.

²⁴ Id., *Ibíd.*, 1033 b. 21 ss

²⁵ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. p. 217

aquela essência, mas a essência em geral. Esta ciência mais alta, mais ampla, que estuda por que há essências e como são as essências, é a metafísica.

14. A problemática relativa à substância

Até aqui, com base no que foi dito, pode-se compreender porque Aristóteles define a metafísica simplesmente como a “teoria da substância”. E compreende-se também o motivo pelo qual a problemática da substância revela-se a mais complexa e espinhosa, precisamente pelo o fato de ser a substância o eixo em torno do qual giram todos os significados do ser.

Aristóteles considera que os principais problemas relativos à substância são dois: 1. Que substâncias existem? Existem só substâncias sensíveis, como sustentam alguns filósofos, ou também substâncias supra-sensíveis, como sustentam outros filósofos? 2. O que é a substância em geral, ou seja, o que se deve entender quando se fala em substância em geral? Em última análise, a questão em que se deve responder é a primeira; entretanto, é preciso começar respondendo à segunda questão porque “todos admitem que algumas das coisas sensíveis são substâncias” e porque é metodologicamente oportuno “começar por aquilo que para nós é mais evidente” para depois, seguir para aquilo que para nós, homens, é menos evidente (mesmo que *em si* e *por si*, ou seja, pela sua natureza, seja mais cognoscível).

O que é, então, a substância em geral? 1. Os naturalistas apontam os *elementos materiais* como o princípio substancial; 2. Os platônicos indicavam a *forma*; 3. Para os homens comuns, no entanto, a substância parecia ser o *indivíduo e a coisa concreta*, feitos a um só tempo de forma e matéria. Quem tem razão? Segundo Aristóteles, ao mesmo tempo, todos e nenhum têm razão, no sentido de que, tomadas singularmente, essas respostas são parciais, ou seja, unilaterais, mas, em seu conjunto, nos dão a verdade.

1. A *matéria* é, indubitavelmente, um princípio constitutivo das coisas sensíveis, porque funciona como “substrato” da forma (a madeira é substrato da forma do móvel, a argila da tarça etc.). Se eliminássemos a matéria, eliminaríamos todas as coisas sensíveis. Mas, em si, a matéria é potencialidade indeterminada, podendo tornar-se algo de determinado somente se receber a determinação por meio de uma forma. Assim, só impropriamente a matéria é substância.

2. Já a *forma*, enquanto princípio que determina, concretiza e realiza a matéria, constitui aquilo “que é” alguma coisa, a sua essência, sendo assim substância a pleno título. Não se trata, porém, de forma como a entendia Platão (a forma hiperurânica transcendente), mas

sim de uma forma que é como um constitutivo intrínseco da própria coisa (é forma-na-matéria).

3. Mas o composto de forma e matéria, que Aristóteles chama de “sinolo” (que significa precisamente o conjunto ou o todo constituído de forma e matéria) também é substância a pleno título, porque reúne tanto a “substancialidade” do princípio material quanto a do formal.

Sendo assim, alguns acreditam poder concluir que a “substância primeira” é precisamente o “sinolo” e o indivíduo, sendo a forma a “substância segunda”. Mas essas afirmações, que podem ser lidas na obra *Categorias*, são contrariadas pela *Metafísica*, onde se pode ler expressamente: “Chamo de forma a essência de cada coisa e a substância primeira”.

De resto, o fato de que, em certos textos, Aristóteles parece considerar o indivíduo e o “sinolar” concreto como substância por excelência, ao passo em outros textos, parece considerar a forma como substância por excelência, constitui apenas aparentemente uma contradição. Com efeito, conforme o ponto de vista a partir do qual nos posicionamos, devemos responder do primeiro ou do segundo modo. Do ponto de vista empírico e de constatação, é claro que o “sinolo” ou o indivíduo concreto parece ser substância por excelência. O mesmo já nos acontece, porém, do ponto de vista extremamente teórico e metafísico: com efeito, a forma é princípio, causa e razão de ser, ou seja, fundamento. Em relação a ela, “sinolo” é principiado, causado e fundado. Ora, nesse sentido, a forma é substância por excelência e no mais alto título. Por outro lado, se o “sinolo” exaurisse o conceito de substância enquanto tal, nada que não fosse “sinolo” seria pensável como substância e, desse modo, tanto Deus como o imaterial e o supra-sensível em geral não poderia ser substância e, conseqüentemente, a questão de sua existência estaria prejudicada desde o ponto de partida.

Para concluir, podemos dizer que, desse modo, o sentido do ser fica plenamente determinado. Em seu significado mais forte, o ser é a substância; a substância, em sentido (impróprio), é matéria, em um segundo sentido (mais próprio) é “sinolo” e em terceiro sentido (e por excelência) é forma; o ser, portanto, é a matéria; em um grau mais elevado, o ser é “sinolo”; e, no sentido mais forte, o ser é a forma. Desse modo, pode-se compreender porque Aristóteles chegou a chamar a forma até mesmo de “causa primeira do ser” (precisamente porque ele “enforma” a matéria e funda o sinolo).

15. A substância supra-sensível²⁶

Para completar o conhecimento do edifício metafísico aristotélico ainda resta por examinar o procedimento através do qual Aristóteles demonstra a existência da substância supra-sensível.

As substâncias são as realidades primeiras, no sentido de que todos os outros modos dependem da substância. Assim se todas as substâncias fossem corruptíveis, não existiria nada de absoluto corruptível. Mas, diz Aristóteles, o tempo e o movimento são certamente incorruptíveis. O tempo não foi gerado nem se corromperá: com efeito, antes da geração do tempo, deveria ter havido um “antes” e, depois da destruição do tempo, deveria haver um “depois”. Ora, “antes” e “depois” outra coisa não são do que tempo. Em outras palavras: o tempo é eterno. O mesmo raciocínio vale também para o movimento, porque, segundo Aristóteles, o tempo outra coisa não é do que uma determinação do movimento. Sendo assim, a eternidade do primeiro, postula também a eternidade do segundo.

Mas em que condição pode subsistir um movimento (e um tempo) eterno? Com base nos princípios por ele estabelecidos estudando as condições do movimento na *física*, o estagirita responde: só se subsistir um princípio primeiro que seja causa dele.

E como deve ser esse princípio para ser essa causa?

Em primeiro lugar, diz Aristóteles, o Princípio deve ser eterno: se o movimento é eterno, eterna deve ser sua causa; Em segundo lugar, o princípio deve ser imóvel: com efeito, só o imóvel é “causa absoluta” do imóvel. Aristóteles demonstrou rigorosamente esse ponto na *Física*. Tudo aquilo que está em movimento é movido por outro; e se esse outro, por seu turno, também está em movimento, é movido por outro ainda. Por exemplo, uma pedra é movida por um bastão; o bastão, por seu turno, move-se impelido pela mão; a mão é movida pelo homem. Em suma, para explicar cada movimento, é preciso referir-se a um princípio que, em si, não seja movido, pelo menos em relação àquilo que move. Com efeito, seria absurdo pensar que se pode remontar ao infinito, de motor em motor, porque seria impensável nesses casos um processo ao infinito. Ora, sendo assim, não apenas deve haver princípios ou motores relativamente imóveis, dos quais derivam os movimentos singulares, mas também, forçosamente, deve haver um Princípio absolutamente primeiro e absolutamente imóvel, do qual deriva o movimento de todo o universo; Em terceiro lugar, este Princípio deve ser inteiramente privado de potencialidade, isto é, ato puro. Com efeito, se possuísse potencialidade, poderia também não mover em ato;

²⁶ REALE, Giovanni. *História da Filosofia*, p. 186

mas isso é absolutamente absurdo, porque, nesse caso, não haveria um movimento eterno dos céus, isto é, um movimento sempre em ato.

Esse é o “Motor imóvel” que outra coisa não é do que a substância supra-sensível que buscávamos.

Mas de que modo o Primeiro Motor pode mover permanecendo absolutamente imóvel? No âmbito das coisas que nós conhecemos existirá algo que saiba mover sem mover-se ele próprio? Aristóteles responde apresentando como exemplos coisas como “o objeto do desejo e o da inteligência”. O objeto do desejo é aquilo que é belo e bom: o belo e o bom atraem a vontade do homem sem moverem-se modo algum; da mesma forma, o inteligível move a inteligência sem mover-se. Analogicamente, o Primeiro Motor “move do mesmo modo como o objeto de amor atrai o amante” e, como tal, permanece absolutamente imóvel. Evidentemente, a causalidade do Primeiro Motor não é uma causalidade do tipo “eficiente” (do tipo exercido por uma mão que move um corpo, pelo escultor que modela o mármore ou pelo pai que gera o filho), sendo, mais propriamente, uma causalidade de tipo “final” (Deus atrai e, portanto, move, como “perfeição”).

O mundo não teve um começo. Não houve um momento em que havia o caos (ou o não-cosmos), precisamente porque se assim fosse, contrairia o teorema da propriedade do ato sobre a potência: ou seja, primeiro haveria o caos, que é potência, para depois haver o mundo, que é ato. Mas isso é tanto mais absurdo quando se sabe que, sendo eterno, Deus sempre atraiu o universo como objeto de amor; portanto, o universo deve ter sido tal como é.

16. Problemas relativos à substância supra-sensível²⁷

Demonstrada a existência da substância supra-sensível, restam ainda, para concluir, três questões a serem resolvidas: 1) Qual é a natureza dessa substância; 2) se existe uma só ou são muitas; 3) Quais são as suas relações com o sensível.

1) Esse Princípio do qual “depende o céu e a natureza” é Vida. Mas que vida? Aquela que é mais excelente e perfeita do que todas, aquela vida que só nos é possível por breve tempo: a vida do pensamento puro, a vida da atividade contemplativa. Eis a estupenda passagem em que Sócrates descreve a natureza do Motor Imóvel: “De tal princípio, portanto, dependem o céu e a natureza. E o seu modo de viver é mais excelente: é aquele modo de viver que só nos é concedido por breve tempo.

27 REALE, Giovanni. *História da Filosofia*, p. 188

E Ele está sempre nesse estado. Para nós, isso é impossível, mas para Ele não é impossível, porque o ato do seu viver é prazer também para nós são sumamente agradáveis a vigília, a sensação e o conhecimento, precisamente porque são ato e, em virtude disso, também esperanças e recordações. Assim se nessa feliz condição em que por vezes nos encontramos Deus se encontra perenemente, isso é maravilhoso; e, se ele se encontra em uma condição superior, é ainda mais maravilhoso. E Ele efetivamente se encontra nessa condição. E Ele também é Vida, porque a atividade da inteligência é vida e Ele é precisamente essa atividade. E sua atividade, que subsiste por si mesma, é vida ótima e eterna: isso, portanto, é Deus.”

Mas o que pensa Deus? Deus pensa o que é mais excelente. E a coisa mais excelente é o próprio Deus. Deus, portanto, pensa a si mesmo, é atividade contemplativa de si mesmo: “é pensamento de pensamento”. Eis afirmações precisas do filósofo: “o pensamento que é pensamento por si mesmo tem por objeto aquilo que é por si mesmo mais excelente. E o pensamento que é assim em graus máximo tem por objeto aquilo que é excelente em máximo grau. A inteligência pensa a si mesma, captando-se como inteligível: com efeito, ela torna-se inteligível intuindo e pensando a si mesma, de modo que inteligência e inteligível coincidem. A inteligência, com efeito, é aquilo que é capaz de captar o inteligível e a substância, estando em ato quando os possui. Portanto, mais ainda do que aquela capacidade, é esta posse que a inteligência tem de divino; a atividade contemplativa é aquilo que há de mais agradável e mais excelente. Assim, se a inteligência divina é aquilo que existe de mais excelente, ela pensa a si mesma e o seu pensamento é pensamento de pensamento.”

Deus, portanto, é eterno, imóvel, ato puro, privado de potencialidade e de matéria, vida espiritual e pensamento de pensamento. E, sendo assim, obviamente, “não pode ter nenhuma grandeza”, devendo ser “sem partes e indivisível”. E também deve ser impassível e inalterável”.

2) Essa substância é única ou haverá outras, afins a ela? Aristóteles não acreditava que, por si só, o Motor Imóvel bastasse para explicar o movimento de todas as esferas de que ele pensava que o céu fosse constituído. Uma só esfera move as estrelas fixas, que, com efeito, têm um movimento regularíssimo. Mas, entre elas e a terra, existem outras 55 esferas, que se movem com movimentos diferentes, os quais, combinando-se de vários modos, deveriam explicar os movimentos dos astros. Essas esferas são movidas por inteligências análogas ao Motor imóvel, mas inferiores a Ele; aliás, uma sendo inferior à outra, assim como são

hierarquicamente inferiores umas às outras as esferas que se encontram entre a esfera das estrelas fixas e a terra.

Será essa uma forma de politeísmo? Para Aristóteles, assim como para Platão e, geralmente para os gregos, o Divino designa uma ampla esfera, na qual, por diversos títulos têm lugar múltiplas e diferentes realidades. Já para os naturalistas o Divino incluía estruturalmente muitos entes. E o mesmo vale para Platão. Analogicamente, para Aristóteles, o Motor Imóvel é divino, como também são divinas as substâncias supra-sensíveis e imóveis motrizes dos céus e também é divina a alma intelectual dos homens – divino é tudo aquilo que é eterno e incorruptível.

Estabelecida essa premissa, devemos dizer que é inegável certa tentativa de unificação realizada por Aristóteles. Antes de mais nada, ele só chamou explicitamente o Primeiro Motor com o termo “Deus” em sentido forte, reafirmando sua unicidade e deduzindo dessa unicidade também a unicidade do mundo. O décimo-segundo livro da *Metafísica* se conclui com a solene afirmação de que as coisas não querem ser mal governadas por uma multiplicidade de princípios, afirmação que é inclusive selada pelo significativo verso de Homero: “Não é bom o governo de muitos; seja só um o comandante.”

Em Aristóteles, portanto, há um monoteísmo mais “exigencial” do que efetivo. “Exigencial” porque ele procura separar o Primeiro Motor dos outros, colocando-o num plano inteiramente diverso, ponto de poder legitimamente que podemos chamá-lo “único” e de sua unicidade deduzir a unicidade do mundo. Por outro lado, essa exigência se rompe, porque as cinquenta e cinco substâncias motrizes, da mesma forma, são substâncias eternas e imateriais, que não dependem do Primeiro Motor quanto ao seu ser. O Deus aristotélico não é o criador das cinquenta e cinco inteligências motrizes. E daí nasce todas as dificuldades sobre as quais raciocinamos. Ademais, o Estagirita deixou completamente inexplicada a precisa relação entre Deus e essas substâncias, bem como as esferas que elas movem. A Idade Média transformaria essas substâncias nas célebres “inteligências angélicas” motrizes, mas, precisamente, só conseguiu operar essa transformação em virtude do conceito de criação.

3) Deus pensa a si mesmo, mas não as realidades do mundo e os homens singularmente, que são coisas imperfeitas e mutáveis. Para Aristóteles, com efeito, “é absurdo que a inteligência divina pense certas coisas”: “ela pensa aquilo que é mais divino e mais digno de honra e o objeto do seu pensar é aquilo que não muda”. Essa limitação do Deus aristotélico deriva do fato de que ele não criou o mundo, mas foi muito mais o mundo que, em certo sentido, se produziu tendendo para Deus, atraído pela perfeição.

Outra limitação do Deus aristotélico, que tem o mesmo fundamento da anterior, consiste no fato de que ele é objeto de amor, mas não ama (ou, quando muito, ama a si mesmo). Enquanto tais, os indivíduos não são objetos de amor divino: Deus não se volta para os homens e menos ainda para cada homem individualmente. Cada um dos homens assim como cada uma das coisas, tende de modos variados para Deus; mas Deus, como não pode conhecer, também não pode amar nenhum dos homens individualmente. Em outros termos: Deus é só amado e não, também, amante; ele é só objeto e não, também, sujeito de amor. Para Aristóteles, assim como para Platão, é impensável que Deus (o Absoluto) ame alguma coisa (algo que não seja ele), dado que o amor é sempre “tendência a possuir algo de que se é privado” e Deus não está privado de nada. (A dimensão do amor como dom gratuito de si mesmo era totalmente desconhecida para os gregos.) Além disso, Deus não pode amar porque é inteligência pura e, segundo Aristóteles, a inteligência pura é “impassível” e, como tal, não ama.

17. As “provas” da existência de Deus

Aristóteles, como vimos ao definir a metafísica ou Filosofia Primeira como estudo do “Ser enquanto Ser”, diz que a esta cabem três estudos: o do ser divino, isto é, o Primeiro Motor Imóvel do mundo, que move tudo, mas que não é movido por nada; o dos primeiros princípios e causas primeiras de todos os seres ou essências existentes; o das propriedades ou atributos gerais de todos os seres, isto é, a substância em geral²⁸. Mas neste nosso estudo, nos detemos no primeiro ponto.

A metafísica encerra-se com o tratado sobre Deus, tema já estudado na sua outra obra, a *Física*. Aristóteles fala da substância em devir, seus elementos constitutivos, matéria e forma, mas não dá uma explicação sobre a origem do seu devir. Para dar-lhe uma explicação, o estagirita enfrenta o problema do Motor Imóvel, Deus.

Os elementos fundamentais das provas da existência de Deus usados por Aristóteles são os seguintes: o devir (a experiência mostra-nos que as coisas estão sujeitas a mudanças) e os dois princípios: - tudo o que se move é movido por outro; - na série dos que movem não se pode retroceder ao infinito²⁹.

²⁸ Id., *Ibíd.*, p. 219

²⁹ *Metafísica*, 1069 b

Admitindo o que foi exposto, Aristóteles conclui dizendo que existe um Motor Imóvel, que move tudo, mas que não é movido por nada. Está é a prova da existência de Deus pela existência do movimento.

Segundo Aristóteles, as coisas mudam porque desejam alcançar a sua essência perfeita, imutável como a essência divina. É pela mudança que se busca imitar o que não muda nunca. Por isso, que o ser divino é o primeiro Motor Imóvel do mundo.

O ser divino é chamado de Primeiro Motor Imóvel porque é o princípio que move toda a realidade, sem ser movido por nada, como já vimos mover significa mudar, perecer, e o ser divino não muda nunca. Aristóteles, ao estudar a natureza de Deus, ou seja, o Motor Imóvel, dá uma contribuição muito grande para as provas da existência de Deus feitas também por Tomás de Aquino.

As vias ou caminhos têm por objetivo alcançar uma única meta, Deus. Para Tomás, Deus é o primeiro na ordem ontológica, mas não na ordem psicológica. No dizer de Tomás, Deus mesmo sendo o fundamento de tudo, só pode ser alcançado por caminhos *a posteriori*, isto é, partindo dos efeitos do mundo.

Na ordem ontológica Deus precede as criaturas, na psicológica ele vem depôs das criaturas, no sentido de que as considerações que fazemos do mundo, remete necessariamente ao seu autor. O ponto de partida de cada caminho, de vez em quando, é constituído por elementos extraídos da metafísica aristotélica, no momento que esta era a filosofia dominante. As cinco vias são:

a) **primeira via:** do movimento. É constatado pelos os nossos sentidos que alguns seres são movidos neste mundo e que todo o movido é movido por outro. Sem assim proceder ao infinito é necessário chegar a um primeiro Motor, que não é movido por nenhum outro, ao qual damos o nome de Deus³⁰.

b) **segunda via:** da Causa Primeira. É verificado pelos os nossos sentidos, que há uma certa ordem de causas eficientes nas coisas do mundo, de tal forma que é impossível que uma coisa seja a causa eficiente de si própria, porque seria anterior a si mesma. É necessário admitir uma causa primeira, Deus.

c) **terceira via:** do ser contingente. Tudo o que é atingido pelos sentidos, são contingentes, ou seja, não tem em si mesma sua razão de ser³¹. Deve-se admitir a existência de um ser necessário que tenha em si toda a razão de ser. A este chamamos Deus.

³⁰ Id., *Ibid.*, P. 102

³¹ MORIN, Dominique. *Para Falar de Deus*. P. 102.

d) **quarta via**: dos graus de perfeição. Existem graus de perfeição. Ora, não haverá graus se não existisse um máximo. Logo, deve existir um ser absolutamente perfeito. A este damos o nome de Deus.

e) **quinta via**: da ordem do cosmo. Encontramos no mundo ordem e finalidade, as quais exige uma inteligência que as tenha disposto. Essa inteligência não é humana, a qual conhece e ordena, mas não cria. É necessário admitir a existência de uma inteligência ordenadora, causa da ordem do mundo. A esta chamamos Deus. Por muito tempo essas “provas” permaneceram irrefutáveis, a tal ponto que houve grande dificuldade em admitir a negação da sua aparente evidência³².

Em nosso tempo, muitos têm dificuldade em reconhecer a validade das provas tomista da existência de Deus, argumentando que as concepções científicas tradicionais estão ultrapassadas em relação a ciência moderna.

As “provas” de Tomás partem de um fato e põe a descoberta uma situação de insuficiência (contingência), uma situação na qual o mundo não basta, por si mesmo, para explicar o que ele é.

³² Id., *Ibíd.*, p. 10

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entender de Aristóteles a metafísica é a ciência que estuda a substância em geral, não se preocupando com esta ou aquela realidade particular. Daí sua afirmação: “Todas as outras ciências podem ser mais necessária ao homem, mais superior a esta nenhuma”.

Ao discorrermos sobre o tema estudado, percebemos que Aristóteles entende a metafísica como a ciência por excelência, ou seja, a ciência que vale a si mesma, não tem outro fim a não ser a pura contemplação, portanto, não é uma ciência prática, mas sim teórica, busca a verdade pela verdade.

Este estudo do pensamento metafísica de Aristóteles nos proporcionou um cabedal de conhecimentos e aumentou em nós o desejo de conhecer a causa primeira de todas as coisas. Ao finalizarmos esta pesquisa, queremos deixar claro que a nossa intenção não é fazer uma hermenêutica de toda a metafísica aristotélica, mas apenas dos pontos que nos interessaram.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia* São Paulo: Moderna, 1992.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999.

GARDEIL, H. D. *Iniciação à Filosofia de Tomás de Aquino*. IV vol. São Paulo: Duas Cidades, 1967.

MORIN, Dominique. *Para falar de Deus*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MONDIM, Battista. *Curso de Filosofia*. 10 ed. São Paulo: Paulus, 1981.

MOLINORO, Aniceto. *Metafísica: curso sistemático*. São Paulo: Paulus, 2002.

PARMENENDES. *Sula Natura* (trad.: Giovanni Reale). Milano: Rusconi, 1998.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dário. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles* (Trad. Marcelo Perine). São Paulo: Loyola, 2001.

GRINGS, Dadeus. *Conhecer a verdade*. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brendes, 1985.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VILELA, Orlando. *Iniciação filosófica*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.